



## **CRIAÇÃO-DESCONSTRUÇÃO-RECRIAÇÃO: APONTAMENTOS PARA UMA CLÍNICA DO SUJEITO**

*Maria Consuelo Passos\**

Partimos do princípio de que o processo de desenvolvimento humano, por si, pressupõe criatividade, no sentido em que ele se faz a partir de múltiplas criações. Inicialmente, o casal “cria/projeta” um filho, depois a relação mãe-bebê “cria” uma mãe e um bebê e, com base nessa criação primária, o ser humano cria e recria permanentemente sua vida. O desenvolvimento humano e a criatividade estão intrinsecamente relacionados, o que se revela desde os rudimentos da expressão humana, quando o bebê toma o seio da mãe como criação sua, e a mãe, por sua vez, se faz cúmplice nessa criação. Esta ilusão do bebê, de que criou o objeto-seio, tornar-se-á fonte viva para o desenvolvimento do seu potencial criativo.

Isto, no sentido da criação de si próprio e, paulatinamente, da criação de um mundo que está aí para ser criado e não simplesmente reproduzido. Uma criatividade cujas expressões se revelam por vários sentidos da existência humana,

---

\* Professora da PUC-SP e da Universidade São Marcos.

desde as ações mais simples às produções mais complexas. Assim, a possibilidade de criar-se a si mesmo é a grande fonte da qual o indivíduo obtém inspiração para produzir obras, trabalhos artísticos e intelectuais, todos, em última análise, reflexos e projeções de si mesmo. É, portanto, a partir dessa fonte que o indivíduo constitui sua estética no mundo, sua forma de expressão, sua singularidade.

A profunda sensibilidade de Winnicott revelou o quanto há de simplicidade na estética da vida cotidiana da mãe com seu bebê. Dizia ele que é por meio de uma relação essencialmente sensorial que a mãe decifra para seu bebê os primeiros sentidos da vida. É pela cadência dos movimentos ritmados das mamadas, dos pequenos e grandes toques, das trocas sutis de olhares vividos na aparente banalidade do cotidiano, que o bebê vai pouco a pouco se humanizando. Para Meltzer (1995):

Não há flor ou pássaro, por mais chamativa que seja sua coloração ou plumagem, que possa nos impor o mistério da experiência estética como a visão de uma jovem mãe amamentando seu bebê. Adentramos a um berçário como se penetrássemos em uma catedral ou nas florestas do Pacífico, pé ante pé, tirando o chapéu.

Assim, o desenvolvimento da criatividade humana parece emanar do grande mistério vivido nos primórdios da relação mãe-bebê, mistério que se desvela a partir do potencial que tem o bebê para se humanizar e a mãe para “sustentar” sua humanização. Mas, de onde provém esse potencial? Seria esse mistério absolutamente indecifrável, suas forças inomináveis? Em parte, creio que sim: o humano por natureza parece conter algo de imponderável, embora haja também muito de cognoscível na experiência humana. É o que nos mostra, por exemplo, a psicanálise.

Segundo Winnicott, esse potencial do bebê advém de uma herança que, ancorada num ambiente representado pela mãe, poderá se desenvolver favoravelmente, dependendo da qualidade da herança bem como da maternagem que lhe for oferecida. Essa maternagem significa que a mãe precisa se oferecer para o seu bebê como apoio no qual ele encontrará recursos para existir. A criação da imagem desse bebê pela mãe indica que ela o reconhece e, ao reconhecê-lo,

permite que o mesmo se reconheça. Em outros termos, dizia Melanie Klein (1995), a respeito da imagem que a criança faz do objeto materno: “ela me ama e me autoriza a me amar, para ela poder amar a si mesma” .

Dessas enunciações introdutórias, podemos já retirar uma noção, que seguirá norteando essas reflexões. É por meio da constituição do vínculo primário mãe-bebê que o ser humano exercita pela primeira vez sua criatividade, ao mesmo tempo em que descobre também sua capacidade para a destruição. Assim, à medida que o bebê concebe sua mãe, ele adquire os rudimentos da experiência incomensurável que é conceber/criar os objetos do mundo, simbolizá-los, experiência que lhe permitirá seguir progressivamente, desenvolvendo seu psiquismo e expandindo sua mente.

A expansão da mente pressupõe, portanto, um movimento dialético no qual se vivencia a criatividade/construtividade e a destrutividade como pólos antagônicos constitutivos de uma mesma linha de continuidade. Mas é preciso explicitar qual o sentido que atribuímos à destruição, e, para isso, recorreremos mais uma vez a Winnicott, que revela um valor positivo existente na destrutividade. Para esse autor (1993), “a destrutividade, acrescida da sobrevivência do objeto à destruição, coloca o objeto fora da área dos objetos criados pelos mecanismos mentais projetivos do sujeito”.

Isto significa dizer que a destruição do objeto permitirá ao sujeito adentrar numa realidade partilhada por meio de uma “substância outra-que-não eu”, o que possibilita um enriquecimento do sujeito. Tudo isso dependerá da maneira como este sujeito fará uso dos objetos à sua disposição, que, por sua vez, decorre do modo como vivenciou o objeto materno, matriz que estará sempre implicada nas suas relações objetais futuras.

Winnicott revela um sentido estético que pode ser atribuído à destruição, diz ele (1983), “... é muito difícil um homem morrer quando não teve um filho para matá-lo na fantasia e poder sobreviver a ele, proporcionando assim a única continuidade que os homens conhecem”.

Matá-lo na fantasia significa ressignificá-lo, recriá-lo de um modo em que ambos, pai e filho, se apropriem de suas funções diferenciadamente, desenvolvendo um vínculo sem imposição da dependência.

Com base nesse princípio, segundo o qual a criatividade e a destrutividade não se eliminam reciprocamente, mas se constituem como posições complementares no desenvolvimento humano, podemos prosseguir examinando as diferentes maneiras em que essas posições se revelam ao longo da vida.

Se nos detivermos nos momentos iniciais da infância, veremos como a relação diádica mãe-bebê necessita, num certo momento, de um afrouxamento para que um terceiro elemento (o pai) possa progressivamente assumir o seu lugar. Nesse caso, está em jogo a destruição salutar de uma díade, cujo sentido primário de configuração vincular perde sua força para dar lugar à triangulação necessária para a expansão do psiquismo da criança. Assim, destrói-se a díade e cria-se/amplia-se uma nova modalidade vincular, por meio da qual é possível o desenvolvimento de muitas das funções psíquicas da criança.

Em outros termos, a inserção do pai na relação mãe-bebê introduz, em certa medida, a falência da relação simbiótica vivida até então por esse par. A falência/morte/destruição dessa díade promove, por seu turno, a criação de uma nova experiência na criança, enriquece seus recursos simbólicos de diferenciação, de identificação e, conseqüentemente, de formação de novos vínculos.

A relação triangular vivida no complexo de Édipo é também exemplar nesse sentido. Nela, a criança, interdita pelo tabu do incesto, abandona um parceiro e inventa/cria um novo tipo de relação, por meio da qual se insere no mundo da cultura. E é nesse movimento de inserção que fará a aquisição das suas próprias leis.

Ultrapassada essa fase, a criança viverá um período intermediário, conhecido como latência, no qual ela procura ordenar as experiências e as aquisições feitas até então, ao mesmo tempo em que adquire, gradualmente, forças para novos investimentos/desinvestimentos.

Penso que é no movimento seguinte, ou seja, na fase da adolescência que a dialética criatividade/destrutividade se expressará de forma mais contundente. A adolescência eleva o sentido de transicionalidade à sua máxima potência, na medida em que o indivíduo se situa entre dois universos – da infância e da vida adulta – necessitando perder/destruir significações da infância, para criar e ressignificar seus afetos, vínculos, representações, sua sexualidade, idéias, etc., com os quais se inserirá na vida adulta.

É por meio desse ritual de passagem vivido pelo adolescente que se materializam muitos comportamentos tidos como destrutivos, agressivos, transgressores e rebeldes.

Tudo isso é verdade, embora tenhamos que compreendê-los como normais e inerentes a um processo de constituição de novas imagens do mundo, que o indivíduo adolescente precisa viver para elaborar suas perdas. Na família, isso se revela nitidamente, uma vez que se torna imperativo agora a constituição de uma nova imagem de si consubstanciada a partir de certa autonomia em relação aos pais, o que evidentemente demanda também novas representações desses pais. Nesse processo, a criatividade e a destrutividade andam lado a lado como recursos indispensáveis à constituição da identidade adulta.

Conseqüência dessa demanda por uma recriação dos pais é a inserção do adolescente em grupos de iguais, grupos estes que atuam como facilitadores na elaboração dos conflitos vividos por ele, na medida em que permite, por identificações projetivas, uma ampliação da imagem de si e, desta forma, um reconhecimento de si que lhe permitirá seguir constituindo transformações na sua identidade.

O movimento de inserção do adolescente na vida adulta pressupõe, assim, novas criações. Nesse movimento, o indivíduo desenvolve uma nova estética, da qual fazem parte funções e papéis cujas origens se encontram nas relações parentais primárias. Na maturidade, os papéis multiplicam-se de modo que, no cotidiano, o indivíduo é solicitado a representar várias personagens, cada uma delas com facetas muito próprias. Assim, ora o adulto exerce o papel de pai, ora de filho, ora de esposo/esposa, empregado ou empregador, enfim... há sempre algo novo pedindo para ser criado e algo velho pedindo para ser destruído e recriado.

Ainda outro dia, encontrei um panfleto de autor desconhecido, que diz muito bem da sabedoria popular reveladora desses deslocamentos de sentidos. O título é: "O que o filho pensa do pai", e segue assim:

Aos sete anos: papai é um sábio, sabe de tudo. Aos quatorze anos: papai se engana naquilo que diz. Aos vinte anos: papai está atrasado, suas teorias não são desta época. Aos vinte e cinco anos: O "velho" não sabe nada... Está caducando decididamente. Aos trinta e cinco anos: Com a minha experiência meu pai nesta idade seria um milionário. Aos quarenta e cinco anos: não sei se consulto o "velho" neste assunto,

talvez me pudesse aconselhar. Aos cinquenta e cinco anos: que pena ter morrido o “velho”; a verdade é que tinha umas idéias e umas clarividências notáveis... Aos sessenta anos: pobre papai... era um sábio... como lastimo tê-lo compreendido tão tarde.

Embora refletido aqui de maneira muito simples, é preciso ressaltar que esses deslocamentos expressam em seu subtexto uma rede muito complexa que contém entrecruzamentos de representações, fantasmas, idéias e pensamentos constitutivos da subjetividade e das relações do sujeito com o mundo.

Creio ter chegado o momento de nos perguntarmos sobre uma outra possibilidade de leitura para a questão da destrutividade. Afinal, nada mais emergente em “tempos de cólera” do que o sem sentido e a banalização desmedida da violência e da destrutividade. Vivemos a “era do vazio”, segundo Lipovetsky (1983), a era em que

o tempo presta-se menos à devoção pelo outro do que à realização e transformação de si próprio, como afirmam, cada um na sua linguagem e em graus diversos, os movimentos ecológicos, o feminismo, a cultura *psi*, a educação *cool* das crianças, a moda “prática”, o trabalho intermitente ou o tempo parcial.

A “era do vazio” parece então significar a era do desencontro, da banalização, da indiferença.

Penso que essas breves asserções inspiradas em Lipovetsky são, por natureza, reveladoras de um sentido que tem tornado a violência e a destrutividade como imperativos do mundo atual.

Se os pais não têm encontrado alimentos psíquicos nas suas relações afetivas e se vivem um empobrecimento das suas possibilidades de exercício dos investimentos emocionais, certamente estão tendo dificuldades em exercerem uma continência em relação às demandas dos seus filhos. Tudo isto está implicado no potencial desses filhos para elaboração dos seus projetos de vida.

Assim, quanto mais se fragilizam os vínculos entre os indivíduos, mais se rompe e corrompe a cadeia de sentidos, na qual a aparente antinomia criatividade/destrutividade se coloca a serviço de uma expansão do mundo interno do sujeito.

Esses breves apontamentos para uma clínica do sujeito impõem ao clínico uma escuta que vai além dos sentidos manifestos em um sintoma. Pressupõe,

sobretudo, uma ampliação das possibilidades do terapeuta para apreender o sujeito e as contingências que o cercam. Destacam-se aí os dispositivos clínicos que permitem a apreensão das nuances que compõem a dinâmica de transformação do paciente. Transformações que se revelam não apenas na manifestação sintomática, mas principalmente na inserção do sujeito no mundo das relações.

Essas colocações devem também sugerir ao clínico o uso de sua dimensão estética – entendida no sentido em que preconiza a expressão humana da criatividade – constituída em suas relações no/com o mundo.

Para concluir, trago mais uma vez o pensamento de Lipovetsky:

Por que não posso amar e vibrar? Desolação de Narciso, demasiado bem programado na sua absorção em si próprio para poder ser afetado pelo outro, para sair de si – e, no entanto, insuficientemente programado, pois que deseja ainda um mundo relacional afetivo.

Tomara que possamos conseguir retomar um projeto de humanização, no qual a destruição possa vir a ser apenas uma metáfora necessária à criação de novos sentidos para a vida.

## **Resumo**

*Este trabalho pretende contribuir com algumas reflexões para o processo de criação-desconstrução-recriação, inerente ao desenvolvimento humano e suas repercussões numa clínica que privilegie a constituição do sujeito em sua dupla inserção: simbólica e social.*

*O eixo gira em torno dos deslocamentos vividos desde a infância, permitindo ao sujeito seguir transformando, em seu universo simbólico, suas posições e seus lugares, tanto na família quanto nos demais espaços sociais.*

*Esses deslocamentos pressupõem um interesse do sujeito no sentido de construir sua autonomia por meio de rupturas do já vivido/experimentado em direção ao não vivido, ao inominável. Em última instância, ao imponderável da existência humana.*

**Palavras-chave:** *criação, desconstrução, recriação, sujeito.*

**Abstract**

*The objective of this paper is to propose some reflections on the creation-deconstruction-recreation process. This process, intrinsic to human development, has repercussions on the constitution of the subject in her symbolic and social insertion. Revolving around displacements that she has lived since childhood, the subject is permitted to transform, in her symbolic universe, her positions and places, both in her family and in other social spaces. These displacements presuppose an investment by the subject in the sense of constituting her autonomy by means of ruptures in what was already lived/experienced in the past towards the non-lived, non-named, and culminating in the imponderable aspects of human existence.*

**Key-words:** *creation, deconstruction, recreation, subject.*

**Resumen**

*Este trabajo pretende contribuir con algunas reflexiones al proceso de creación – deconstrucción – recreación inherente al desarrollo humano y sus repercusiones para una clínica que privilegie la constitución del sujeto en su dupla inserción: simbólica y social. Su eje se mueve alrededor de los dislocamientos vividos desde la infancia, permitiendo al sujeto seguir transformando, en su universo simbólico, sus posiciones y lugares tanto en la familia como en los demás espacios sociales. Esos dislocamientos presuponen un interés del sujeto en construir su autonomía por medio de rupturas con lo ya vivido / experimentado en dirección a lo no vivido, al innominable, en última instancia, a lo imponderable de la existencia humana. Esas ideas se circunscriben a una clínica que se vuelve al desarrollo de la autonomía del sujeto, lo que demanda necesariamente una recreación del escenario clínico.*

**Palabras claves:** *creación, deconstrucción, recreación, sujeto.*

### **Referências bibliográficas**

- KLEIN, M. e colaboradores (1985). *Développements en psychanalyse*. Paris, PUF.
- LIPOVETSKY, G. (1983). *A era do vazio*. Lisboa, Relógio d'Água.
- MELTZER, D. e Williams, M. H. (1995). *A apreensão do belo*. Rio de Janeiro, Imago.
- WINNICOTT, D. W. (1983). *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre, Artes Médicas.
- \_\_\_\_\_. (1993). *Da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro, Francisco Alves.

*Recebido em ago/00; aprovado em set/00*